Cadernos Espinosanos

ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII

n. 53 jul-dez 2025 ISSN 1413-6651

IMAGEM a capa celebrativa dos 30 anos do *Grupo de Estudos Espinosanos* justapõe detalhes de três imagens empregadas em diferentes momentos dos *Cadernos Espinosanos*. O *Retrato de Espinosa* (1956) por Pablo Picasso, utilizado nas capas dos n. 1-7, de 1996 a 2001. Duas imagens de Johannes Vermeer: *O geógrafo* (1668), capa n. 29, 2014; e *Moça lendo uma carta à janela* (1659), capa n . 8, 2002, que foi um número especial da revista, apresentando apenas textos com autoria de mulheres.

A FUNDAÇÃO

ORGANIZAÇÃO

Benito Maeso
Professor, Universidade Federal do Paraná/
Instituto Federal do Paraná, Curitiba, Brasil
benito.ly@gmail.com

Gabriel Frizzarin de Souza[1]
Doutorando, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil/
Université Paris 1 - Panthéon-Sorbonne, Paris, França
gabriel.frizzarin.souza@usp.br

José Marcelo Siviero
Pós-doutorando, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil
sivierojm@gmail.com

relatos de

MARILENA CHAUI

HOMERO SANTIAGO

ÉRICKA ITOKAZU

FERNANDO DIAS ANDRADE

CRISTIANO NOVAES DE REZENDE

LUÍS CÉSAR OLIVA

TESSA LACERDA

1 FAPESP processo 2022/16875-5.

QUAL FOI O CONTEXTO (FORMATIVO, ACADÊMICO E INSTITUCIONAL) DA FUNDAÇÃO DO *GRUPO DE ESTUDOS ESPINOSANOS* E COMO SE INICIOU SUA PARTICIPAÇÃO NELE?

MARILENA CHAUI: O que segue é o relato *do primeiro momento* de uma experiência que se manteve no correr do tempo e que considero gloriosa.

Eu estava ministrando um curso de História da Filosofia Moderna tendo como programa aspectos da filosofia de Espinosa. Entre os alunos, estavam Éricka, Homero, Fernando e André.

Éricka tem uma capacidade eletrizante para reunir pessoas em laços de cooperação e compartilhamento. Por iniciativa sua, reunindo-se com os três colegas, juntos criaram um grupo de estudos sobre a matéria do curso e de leituras que começavam a fazer de Espinosa.

Eu me sentia muito isolada e sozinha (na época, quase ninguém trabalhava sobre Espinosa no Brasil, ninguém em São Paulo), prosseguindo com rascunhos do que viria, tempos depois, a se transformar no *Nervura do Real*. Em minha solidão, perguntei-lhes se eu poderia fazer parte do grupo. Me aceitaram, vejam só!

Surgia, assim, o primeiro núcleo do que viria a ser o *Grupo*, com encontros regulares para leitura e discussão da obra de Espinosa e, um pouco mais adiante, de pesquisas individuais sobre Espinosa quando os quatro foram para a pós-graduação, trabalhando sobre Espinosa sob minha orientação. Mais tarde um pouco, vieram Cristiano, Marcos, Daniel e Henrique.

HOMERO SANTIAGO: O que hoje se denomina oficialmente *Grupo de Estudos Espinosanos* começou a nascer entre o final de janeiro e meados de fevereiro de 1995 (não saberia precisar a data) numa reunião no prédio de História e Geografia da USP, quando uma meia dúzia de amigos combinou prosseguir a leitura dos textos espinosanos que se iniciara no semestre anterior, no âmbito de um curso de História da Filosofia Moderna I ministrado

pela profa. Marilena e que tinha por objeto a terceira parte da *Ética*. A partir daí as reuniões passaram a acontecer com certa regularidade, nas tardes de sábado, no espaço oferecido por alguém ou no Centro Cultural São Paulo. O primeiro objeto de estudo conjunto foi o *Tratado da Reforma da Inteligência*, na tradução de Lívio Teixeira, de que todos possuíamos uma fotocópia da primeira edição de 1966 pela Companhia Editora Nacional, a qual só voltaria ao mercado em 2004 pela Martins Fontes.

Eu saliento esse início do *Grupo* entre janeiro e fevereiro de 1995 porque gostaria de invocar algumas etapas anteriores, e peço para isso licença e paciência aos leitores. Tais notas possivelmente ajudarão a configurar uma imagem do *Grupo* que é a minha, e também a de outros "sócios-fundadores", se me permitem a troça, mas decerto não poderia ser a da maioria dos atuais membros. Insistirei particularmente na gestação do *Grupo*, a título de preservação da memória.

Marilena voltou à sala de aula no segundo semestre de 1993, após quatro anos de titularidade na Secretaria de Cultura do município de São Paulo e um semestre sabático para descanso. De retorno à ativa, e sendo Marilena, ofereceu ao primeiro ano, em que me incluía, uma introdução ao pensamento grego que, em seminários, abordou os livros 6 e 7 da *República* e, na parte expositiva, embora o prometido fosse chegar a Aristóteles, no estilo da professora, ela mal saiu do embate Parmênides/Heráclito, pincelando apenas algumas posições platônicas em face do maior *fla-flu* filosófico da história. Pouco depois descobriríamos que ela estava expondo em primeira mão para nós o volume inicial de sua *Introdução à História da Filosofia* (e pensar que ela devia ter redigido suas páginas enquanto descansava, após os anos na prefeitura!) que seria lançado pela editora Brasiliense no ano seguinte.

A impressão deixada pelo curso foi enorme e marcou (indelevelmente, julgo) um grupo de estudantes que teve a sorte de poder acompanhar Marilena por mais dois semestres consecutivos, seguindo cronologicamente a história da filosofia – algo desnecessário, conforme a tradição departamental e a própria Marilena, mas de modo algum prejudicial quando se tem por cicerone uma pensadora cuja originalidade (para infelicidade dos campeões

do que hoje se denomina arrevesadamente "filosofia autoral") envolve uma erudição e intimidade com a história da filosofia que é de fazer inveja tanto ao Aristóteles do primeiro livro da *Metafísica* quanto a Diógenes Laércio, sem, porém, eximir-se de refletir, de pensar vigorosamente. Pois bem, Marilena ofereceu o curso de Medieval I do primeiro semestre de 1994. Em seminários, lemos a *Consolação da Filosofia* de Boécio (numa antiga tradução espanhola que uma alma caridosa conseguiu xerocar no Largo de São Francisco) e na parte expositiva, prevista para tratar de Agostinho, mal saímos de Filo de Alexandria, após longuíssimas explanações sobre o método alegórico, a *paideía* grega e a sua recepção pelos cristãos, a filosofia latina. Mais uma vez experimentamos o estilo Marilena de ensinar em ação, o qual, ao mesmo tempo, entusiasma e enlouquece, para o bem e para o mal.

Nessa toada, finalmente atingimos o segundo semestre de 1994, quando Marilena propôs um curso de Moderna I, que naquela época ocupava dois dias da semana, perfazendo oito horas de aula, sobre a terceira parte da *Ética*. Dessa vez, fato raro, ela cumpriu o programa, de modo que, após longos desdobramentos sobre a "medicina da alma" (no estoicismo e em Bacon, as "geórgicas da alma"; ainda guardo um caderno com as anotações tomadas ao longo do semestre) chegamos finalmente à ciência dos afetos espinosana; tanto que o tema da dissertação final foi: "Desejo, alegria, tristeza: o *conatus* como potência de existir e agir". Alguns desses trabalhos é que vieram a constituir, por sugestão de Marilena, o primeiro número (em três fascículos) dos *Cadernos Espinosanos*, aparecido em setembro de 1996. As horas de seminários, por sua vez, foram dedicadas ao estudo dos primeiros capítulos do *Tratado Político*.

Para entender o nascimento do *Grupo de Espinosa* é fundamental dimensionar o impacto desse curso de Moderna I sobre os estudantes, ou pelo menos uma parte deles, muitos que se foram se irmanando em amizade ao longo dos semestres, dos seminários, das leituras e discussões. O estilo de Marilena pensávamos já conhecer, e de fato conhecíamos. Mas não atuando por assim dizer "em casa" (como se fala no futebol); por outro lado, havia a descoberta de uma filosofia *sui generis* como a de Espinosa.

O espinosismo tem uma força que levanta até defunto intelectual. E não foi diferente naquela oportunidade. Uma experiência apaixonante; por um semestre as pessoas falavam de Espinosa nos intervalos, no bar (ainda se vendia cerveja na faculdade, e tenho certeza que o detalhe foi crucial para a formação do *Grupo*; ninguém consegue pensar em filosofia numa sorveteria), alguns termos se tornaram senhas para os entendidos, no melhor sentido em que isso pode acontecer; ou seja, quando uma palavra de ares conceituais estenografa um conjunto de experiências comuns e serve de cifra rápida numa conversa (se me permitem, relembro a expressão que ouvi certa vez: "o traseiro do fulano ergueu o *conatus* de alguém"; ou então no bar se dizia: "você é como uma pedra, tem expressão pensante, mas não possui mente nenhuma"). Essas banalidades são mais importantes que mil explanações para comprovar a força de uma filosofia; demonstram a sua capacidade de imiscuir-se na vida ordinária dos leitores. Em suma, a combinação entre a filosofia de Espinosa e o estilo de leitura e exposição praticado por Marilena configuraram uma experiência, naquele semestre acadêmico, que está na base do *Grupo de Espinosa*. Estou convencido que nenhuma das duas coisas por si só responderia pelo entusiasmo que tomou conta de um certo grupo após o término do semestre de 1994, de tal modo que, mal lançadas as notas finais, já se planejasse a continuação do trabalho.

Pois então, após o curso e o decorrente maravilhamento com Espinosa, um grupo decidiu continuar a ler Espinosa. Era um grupo muito próximo; alguns vinham fazendo seminários juntos desde o primeiro ano, com outros sempre conversávamos, íamos ao bar. O nosso curso de filosofia não forma "turmas" a partir do alto, pois não há pré-requisitos, então, de modo mais salutar, os grupos se formam desde baixo, sobretudo a partir dos seminários. Na minha época, quase todo curso tinha uma parte de seminário e uma parte de exposição. Nas escolhas dos parceiros de seminários, principalmente, é onde íamos nos ajuntando e formando a nossa turma. Pois durante o semestre de estudo de Espinosa foi naturalmente se aglutinando um grupo de leitura, que em certos momentos contou com um número razoável, por volta de dez pessoas, que se reunia regularmente para discutir os textos de Espinosa tratados em aula. Alguns liam com amigos (eu, por exemplo,

lia com alguns), outros liam com outros, mas ao final todos sentavam-se na História, bebíamos, fumávamos (à época fumava-se muito, todo mundo praticamente) e discutíamos Espinosa. O caso é que o semestre acabou, todos nos empenhamos muito em nossas dissertações; houve até uma movimentação (que nunca mais vi repetir-se) de troca de trabalhos para leitura prévia antes da entrega final (garanto isso porque assim ocorreu entre pelo menos o meu trabalho e os de alguns amigos mais próximos).

Findo o semestre, uma parte das pessoas queria continuar a ler Espinosa, e evidentemente seguir gozando a sociabilidade amigável construída ao longo do curso. Como havia uma curiosidade enorme pelo *Tratado da Emenda do Intelecto* (à época todos dizíamos "Tratado da Correção", segundo a tradução presente nos [*Coleção*] *Pensadores*, ou "Tratado da Reforma", seguindo Lívio Teixeira), muito citado por Marilena mas jamais analisado em aula, decidimos começar por aí.

Com isso, retorno ao ponto de partida. Entre janeiro e fevereiro de 1995 nos reunimos no prédio de História e Geografia, nas mesas e cadeiras de cimento que lá havia, um grupo de pessoas que desejavam continuar lendo Espinosa, depois do final do curso de Marilena. Ali nasceu o atual *Grupo de Espinosa*. É muito difícil lembrar do nome de todo mundo, mas não me furtarei de mencionar alguns (em ordem alfabética para não criar ciumeira); assumindo não ter capacidade de lembrar de todos os nomes, isso pode ter algum valor memorialístico: Éricka Marie Itokazu, Fernando Dias Andrade, Luís Carlos Heitzmann, João Zaneta Neto, Marta Vitória de Alencar, Nigge Loddi, Ricardo Pontieri Augusto. Peço perdão por ter esquecido alguém (certamente o fiz); em verdade, porém, a lista não é para ser tomada ao pé da letra. Meu grande amigo Zaneta, por exemplo, estava lá porque, morando no Crusp como eu, não perderia a chance de encontrar os amigos e depois sair para um bar; embora *habitué* das atividades sociais do *Grupo*, nunca se empolgou com Espinosa (tanto que foi estudar Sartre); já outros, embora não presentes à reunião, foram participantes dos encontros e de posteriores reuniões, como foi o caso de José Tavares Correia de Lira e, sobretudo, Cristiano Novaes de Rezende, agregado só em 1997, quando de

um curso de pós-graduação de Marilena sobre o *Tratado Teológico-político*, e que logo tornou-se um ativo permanente, ou antes, um verdadeiro dínamo do clube.

ÉRICKA ITOKAZU: Lembrar e reconstituir memórias é um pouco arriscado, porque estou lidando com o receio do erro da imaginação que as reconstrói e, mais ainda, de algo tão importante e creio até ousado como o que levou à fundação do *Grupo de Estudos Espinosanos*. Algo típico dessa memória imaginativa é também o quanto ela convoca de afetos de resistência, de afetos comuns, de amizades históricas que ela teceu ao longo das décadas. Por isso, peço desculpas pelo sabor saudoso que esse relato traz. De fato, também recordo que várias vezes nas reuniões deliberativas do *Grupo* eu era chamada de "saudosista", contudo, eu nunca abria mão disso porque também considerava que era um apelo, em momentos críticos, do "retorno aos princípios".

Por isso, para falar do contexto em que nasceu o *Grupo*, creio ser importante também partir do momento histórico paulistano. Não por sorte, mas como resultado do belíssimo e gigante trabalho de reconstrução da história da cidade de São Paulo feito por Marinê Pereira (que foi também integrante do *Grupo*), publicada no livro lançado recentemente: *Cidadania Cultural, política cultural e cultura política novas* da coleção *Escritos de Marilena Chaui*, cuja leitura recomendo veementemente, ajuda-me a recuperar. Ler o livro me emocionou muito porque explica algo que, pelo menos na minha perspectiva, está intrinsecamente ligado à história do *Grupo* e a razão de sua "ousadia instituinte" desde sua origem. Quando ainda jovem e entrei na graduação, a Marilena era Secretária da Cultura da cidade na gestão de Luiza Erundina, enfrentando o desafio da criação de políticas públicas consultivas e deliberativas com participação popular. Vivíamos numa cidade em que havia no ar em que se respirava o sentimento de que a cidadania cultural era o nosso modo de pertencimento e de transformação da cidade, e que essa potência estava em nossas mãos e vozes. Como "jovencita" e bastante rebelde, testemunhamos a reabertura da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, com a Marilena brigando para que o imenso acervo filosófico

pudesse ser adquirido, frequentávamos o Centro Cultural São Paulo, que vivia lotado e produzia encontros da juventude com a biblioteca iluminada com sol, um imenso acervo de vinis de coisas que jamais imaginei poder conhecer, e ainda com apresentações do teatro popular, e ainda incluindo acervo em Braile. O pessoal, ou os novos cidadãos, liam os livros que não se encontravam em Braile em alta voz para os cegos. Tudo era novidade, uma cidade aberta e cheia de vida. Frequentávamos os shows gratuitos no vão do MASP ou no Parque do Ibirapuera. Teatros de bairro reabriram por toda a cidade, e circulávamos pela cidade como quem pertence a ela e não somente vive nela, assim como acreditávamos participar das decisões sobre seu futuro. Claro que, "jovencitos" que éramos, não tínhamos consciência da importância histórica de tudo isso, mas estou certa que esta vivência faz parte da semente do *Grupo*.

Quando Marilena voltou da Secretaria ao Departamento, ela deu um curso de Filosofia Geral (que, como Homero mencionou, acabou virando o livro *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*), lembro-me que ela estava abismada ao dar aulas de filosofia para quem, como eu e tantos outros, não tivemos essa disciplina no colegial (hoje chamado Ensino Médio) e de tal modo essa surpresa, para utilizar um eufemismo sobre sua reclamação do baixo "nível dos estudantes", que seu lamento saiu publicado na *Folha de S. Paulo*. Nós também sentíamos o tamanho de nossa ignorância, mas ele era proporcional ao nosso desejo de ultrapassá-la, e então lembro-me que nos reunimos para suprir tais "deficiências de formação", e lembro-me que nos juntamos, eu, Homero, André Santos e outros (minha memória já anda ruim) para, durante as férias, estudar juntos e tentar superar as "deficiências" de nossa formação.

A proposta ingênua era cumprir um percurso de Hesíodo a Hegel... mas, de fato, não passamos de Homero. Não o Santiago, mas sim aquele a quem o nome homenageia. Salvo engano, lemos juntos a *Teogonia* ou *Os Trabalhos e os Dias* (não me recordo exatamente), a *Paideia* do Jaeger, a *Ilíada*, e paramos aí. Participamos da reabertura do Centro Acadêmico (CAF) juntamente com Eduardo Amaral, Tessa Lacerda, Maurício Keinert... e nesse período

conhecemos também a Marta de Alencar. No ano seguinte, Marilena deu um curso de Filosofia Moderna I, em que parte eram aulas expositivas sobre a *Ética* e a outra era realizada com seminários sobre o *Tratado Político* de Espinosa. Marilena usou uma estratégia pedagógica que hoje me pergunto se seria possível de aplicar: todos deveriam preparar o texto inteiro, discutir em conjunto, e ali, em sala de aula, Marilena decidiria uma única pessoa que apresentaria o seminário em nome de todo o grupo. Eu, Homero, André Santos e Luiz Heitzmann seríamos responsáveis pelo segundo seminário, porém, o primeiro grupo não apareceu, portanto, fomos os primeiros a lidar com essa estratégia pedagógica. Assim, tal como sentíamos a cidade de São Paulo pertencente a nós como nós à cidade, a gente se encontrava onde era possível, no Centro Cultural São Paulo ou na USP, dava no mesmo. Lemos todos os textos uns dos outros, um auxiliava o outro em suas dificuldades, revisamos as escritas de cada um, e nisso muito da amizade e do cuidado recíprocos cresceu também. A preocupação com os que trabalhavam ou pegavam transporte coletivo ou moravam longe ou chegavam com fome... tudo isso era fundamental na *philia* que nos unia. Alguns escreviam à mão, outros ainda usavam máquina de datilografar, outros já tinham textos impressos de computador. Muitas das diferenças sociais, de classe, de bairro também nos uniam. Assim, quando chegou o dia da apresentação do seminário, eu, como sempre, porque trabalhava longe e havia um trânsito terrível, cheguei atrasada. Abri a porta e estavam todos me esperando, e a Marilena disse: "já que estamos todos esperando você chegar, você será a responsável por apresentar o seminário deste grupo". Eu gelei... mas não havia o que fazer. Ao final da apresentação, ficou um sentimento estranho de que o trabalho e pesquisa dos outros colegas e agora amigos não seriam conhecidos pela turma. Homero havia feito um belíssimo texto, André Santos, o que morava mais distante, havia enfrentado imensas dificuldades para nos encontrar, Luiz Heitzmann tinha "sacadas geniais" que ninguém saberia. Ali, decidimos que poderíamos tornar público o que todos escreveram, e fizemos fotocópias de todos os textos do grupo e distribuímos para a turma inteira. Isso criou um ar completamente diferente na turma, entre os alunos. Quando entramos na filosofia, havia um ar competitivo entre os alunos,

havia uma discussão sobre como separar os alunos excelentes (eu os imaginava como *aristoi*) e os medíocres (que os outros chamavam de "populacho" não oriundos de "cultas famílias" e que não traziam a filosofia desde o berço). Porque lutávamos contra isso, pensamos em tornar público o que cada um havia feito, tornar comum e conhecido por todos da turma as descobertas de cada um era tão importante.

Era um trabalho insano, fotocopiar quatro textos diferentes que comentavam o mesmo "pequeno trecho" do texto de Espinosa e distribuir para 40 ou 60 alunos (não me recordo da quantidade) um volume de fotocópias gigante que eu tirava na "escolinha" dos meus pais e levava para a USP. Os outros grupos também gostaram da ideia, e nos entregaram os textos daqueles que não apresentaram seminário para que copiássemos para toda a turma, e nisto um dos grupos de seminário muito se aproximou da gente (Nigge Loddi, Ricardo Pontieri): com a dinâmica de nos conhecermos lendo uns aos outros, com o encanto pela filosofia de Espinosa, com a luta contra a cultura da competitividade entre estudantes, com o reconhecimento de nossa ignorância e aspirando saber e conhecer cada vez mais, e, sobretudo, embebidos por aquele sentimento de realização de si em conjunto com outros pela via compartilhada de leitura-literatura-filosofia e tudo misturado, o que depois descobri ter o nome "cidadania cultural", mesmo acabada a disciplina de Moderna I, queríamos manter e continuar o que havia sido construído no subterrâneo da sala de aula: continuar estudando juntos, trocando textos, erros e acertos, e fundar o *Grupo de Estudos Espinosanos*.

Sei que estou me esquecendo de alguns nomes, pois consigo me lembrar somente de alguns nomes desse suposto "núcleo" do primeiro grupo. Eu, Homero, Luiz Heitzmann, Marta de Alencar, creio que também a Nigge e o Ricardo. Coincidentemente (ou não), Marilena nos convidou para uma conversa e disse que estava deslumbrada com o resultado dos textos entregues na disciplina, e que ela acreditava que não havia "alunos de excelência", mas sim uma "formação excelente" e que essa turma havia provado isso e que ela queria tornar isso público, mostrando o alto nível de textos dada a excelência da formação de graduandos. Reunimos os textos da disciplina sobre

Espinosa e ela disse que brigaria no Departamento para conseguir verba para publicar textos de graduação. Foi aí que o Grupo decidiu que nós mesmos ajudaríamos nas novas versões dos textos uns dos outros, revisaríamos os textos de cada um, e também decidimos que os *Cadernos Espinosanos* poderiam ter responsabilidade editorial dos próprios alunos de graduação. Dado o trabalho editorial, a ideia de fazer o encontro, como de nosso costume, no CCSP não era a melhor, pois precisávamos de um lugar mais estruturado para fazer esse trabalho conjunto. Assim, marcamos o encontro aos sábados, na escola dos meus pais, o Centro de Educação Vivencial Mater et Magistra que, infelizmente, e dolorosamente, fechou no ano passado. Olhando para o passado (e mal acredito que se passaram décadas, no plural!), percebo sua distância e chego a duvidar que tudo isso de fato aconteceu, tamanha a ousadia... Um grupo de graduandos jovens, reunidos pelas mesmas aspirações e por uma grande amizade, em que, simultaneamente, nascia junto com uma primeira revista acadêmica da Universidade de São Paulo dedicada a Espinosa e sob nossa responsabilidade, mais ousado ainda, pois os textos eram tão somente trabalhos finais de uma disciplina obrigatória da graduação em Filosofia. Eu, como sempre, achando-me medrosa e com escrita ruim, acabei retirando o meu texto do primeiro volume da revista. Revisando o texto dos colegas e organizando o volume, achei que meu texto não estava à altura de tanta responsabilidade. Ah, ser jovem é difícil também...

Desde então, a gente se autodenominou *Grupo de Estudos Espinosanos* e qualquer deliberação passava por uma longa discussão coletiva: o dia, a frequência, qual texto iríamos estudar... e muitas vezes, terminava num bar, em que, mais falantes e abertos, comentamos e construímos nossas teses mais ousadas. Decidimos que os encontros seriam aos sábados, porque muitos trabalhavam durante o dia e faziam a graduação à noite, e também optamos por fazer rodízio dos lugares e bairros, para que todos se deslocassem igualmente pela cidade: no Crusp, no CCSP, na escola Mater, na casa de um ou de outro... sempre tinha uma comidinha para quem chegava com fome, e às vezes até um vinho baratinho dava para a gente comprar coletivamente. Começamos pelo *Tratado da Reforma da Inteligência* (tradução do Lívio

Teixeira) e, como já éramos iniciantes na língua francesa, também debatemos sobre o extenso comentário e notas do Bernard Rousset.

No ano seguinte, Marilena ofereceu um curso de pós-graduação sobre o *Tratado Teológico-político*, capítulo VII. Muitos de nós frequentamos o curso mesmo não sendo da pós. Foi ali que, logo após terminada a aula, um rapaz alto, de cabelos cacheados e voz forte, abordou a Marilena apresentando-se como aluno da Unicamp que gostaria de estudar Espinosa. Lembro-me que Marilena apontou para mim e para o Homero dizendo: "aquele pessoal ali tem um grupo de estudos sobre Espinosa. Fale com eles". Era o Cristiano Novaes de Rezende, que, empolgadíssimo, veio conversar conosco sobre a possibilidade de integrar o *Grupo*, dizendo que estava se mudando para São Paulo. Desde então, o Cristiano entrou e nossas reuniões se fixaram mais na escola dos meus pais, mesmo que distante da USP. Lembro que eu chegava lá cedinho, para abrir a escola, e o Homero já estava lá, do lado de fora, esperando... morria de vergonha por conta disso. Espero que já tenha me perdoado pelos famosos atrasos.

Creio que entre 1997 e 1998, não me lembro exatamente o ano, Marilena veio conversar conosco. Estávamos eu e Homero, conversando no corredor da USP, quando ela, com um sorriso aberto que tanto a caracteriza, nos abordou e disse: "sei que vocês têm um *Grupo de Estudos Espinosanos*, eu poderia participar?". Homero logo ia responder afirmativamente, mas eu tomei a frente e disse: "Olha... sabe, Marilena, no *Grupo* a gente decide tudo coletivamente, então, não dá para responder agora, pois precisamos consultar o *Grupo*", ao que ela respondeu, ainda sorrindo: "Ah, claro que entendo! Eu aguardo a resposta". É essa exata memória que me faz pensar o quanto a origem do *Grupo* está vinculada ao que vivemos na cidade e que, de certa maneira, nos formou nos tempos de Erundina, pois a frase, de ambas as partes, saiu naturalmente... e hoje, já cinquentenária, percebo o quão pode ser incompreensível a naturalidade da frase e da resposta da Marilena em tempos atuais, um diálogo assim, dentro de ambiente universitário...

Voltamos à reunião do *Grupo* para deliberar sobre o tema, e lembro que eu questionava se seria bom para o *Grupo* a participação da Marilena.

Eu lembro de expor o meu receio, pois o *Grupo* era livre, de exercício de falas livres para expormos nossos erros, perguntarmos as coisas mais bobas e ingênuas uns para os outros, e eu temia a presença de uma "autoridade" em Espinosa, temia que, deixando de falar livremente, começaríamos apenas a ouvir a "voz da autoridade". Eu achava que o *Grupo de Estudos Espinosanos* correria o risco de se tornar um "curso de Espinosa" com Marilena Chaui. Imediatamente, Homero tomou a palavra e disse, lembro-me bem: "Ericka, que tipo de liberdade você acha que tem quando aparece uma autoridade no assunto e você deixa de falar?". Lembro-me bem porque me tocou profundamente. Uma frase de tamanha sabedoria que levo para a vida, como levo para a vida a amizade com Homero. Depois de uma fala como essa, nem precisávamos mais decidir, todos já pensavam e sentiam o mesmo. Porém, delegaram a mim a missão de "comunicar a nossa resposta" para Marilena. Naquele tempo, víamos a Marilena como alguém distante... e, para falar bem a verdade, morria de medo de falar com ela.

Cheguei até a Marilena, demasiado tímida e como quem ainda tem aversão a autoridades (e divirto-me hoje ao relembrar esse encanto que é a Marilena... realmente, uma figura!). Eu expliquei tudo sobre como o *Grupo* funcionava, que semestralmente decidimos juntos qual texto ler, que éramos livres para falar bobagens e cometer erros, e ainda comentei sobre o receio da presença de uma autoridade etc... e Marilena respondeu algo como "Claro, entendi tudo! Prometo me segurar!", e ela o disse como quem entendia que isso era impossível, entendo o quão abstruso era o meu comentário sobre ela entrar no *Grupo* como uma autoridade. Eu também, entendendo então o absurdo do meu comentário, disse algo de que não me lembro, e eu e ela rimos juntas. Depois, expliquei para ela que nos encontrávamos aos sábados, com rodízio de lugares e bairros, e expliquei o motivo disso, acrescentei também a informação de que, quando possível, quem recebia o *Grupo* oferecia algo para comer... e coisa e tal... ela logo se prontificou: "já que é rodízio, o próximo encontro pode ser na minha casa?". Lá vou eu, mais uma vez, respondendo "vou ter de perguntar ao *Grupo*", e rimos juntas de novo.

Quando levei a notícia ao *Grupo*, todos ficaram super empolgados: "nossa! Vamos conhecer a casa da Marilena!!!!". Dá para imaginar a nossa curiosidade de estudantes de graduação em conhecer a casa da professora Marilena, né? E a Marta de Alencar disse: "pessoal, acho que seria bacana cada um levar uma coisinha para comer ou beber... não é hábito do *Grupo*, mas é muita gente, então, vamos coletivizar isso". Cada um comprou uma coisinha pequena, um bolo de padaria, um saquinho de salgadinho, biscoito de polvilho ou pão de queijo... e chegamos juntos para tocar a campainha da casa dela. Ela abriu a porta, sempre com aquele sorrisão, levou-nos até a sala e aí... quando a gente viu a mesa... tinha um monte de comida feita por ela! Sucos de todos os tipos, refrigerantes, café e chás... e lembro que havia um rosbife caseiro, e ela disse: "Eu fiz um rosbife que não ficou bom. Se minha mãe experimentasse, certamente iria comentar". Nunca vi mesa tão farta... parecia mesa de Natal. A gente se entreolhava, olhando nossas sacolinhas trazidas da padaria... foi uma comédia a situação de ouvir Marilena dizendo "não precisava, gente, não precisava trazer nada". Realmente, Marilena é uma querida... Mas nossa surpresa ainda seria maior: Marilena trouxe à mesa um "catatau" de folhas impressas dizendo: estou escrevendo um livro e talvez o *Grupo* queira ler ou discutir esse texto. Eram os rascunhos da *Nervura do Real*!!! Foi uma manhã de sábado inesquecível... comida, conversas e leitura da *Nervura*... uma aventura inimaginável para um grupinho de jovens estudantes que se reunia muitas vezes sentados no chão do CCSP quando não encontrávamos uma mesa livre...

Não durou muito tempo, logo após esse encontro, Marilena propôs ao *Grupo* sua opinião de que ele tinha de acontecer na universidade, lembrando que é uma universidade pública, e poderia manter os encontros mais abertos, acolher mais participantes, e não só da filosofia... foi aí que, finalmente, o *Grupo* foi para a USP, conseguimos uma sala no Departamento de Filosofia para os encontros que, desde então, passaram a ocorrer às terças-feiras.

A decisão não poderia ter sido mais sábia: começamos a receber pessoas de outras universidades, estudantes de graduação e de pós de outros cursos, professores do Ensino Médio. Para lembrar alguns nomes que me ocorrem:

a Yara Maria de Carvalho, da Educação Física, o Fernando Bonadia, da Pedagogia, e que acredito que já era professor do Ensino Médio, a Marinê Pereira, que na época, se não me engano, estudava Antonin Artaud, o Henrique Xavier, que veio das Artes Plásticas. Nesse período, em que o *Grupo* já acontecia na USP, chegaram também o Luís César Oliva, a Tessa Lacerda, o Enéias Forlin, o André Rocha, o José Luiz Neves, o Daniel Santos (o primeiro que recebemos de fora do estado de São Paulo), a Mariana Gainza (a primeira que recebemos de fora do Brasil), a Mariana Larison (perfazendo a dupla de "Marianas" argentinas do *Grupo*), o Douglas Barros, a Bárbara Lucchesi: tanta gente amada, saudosa e querida. Essa riqueza de diferenças, de culturas, de formações ampliou sobremaneira as discussões, as conexões de ideias e perspectivas que poderíamos fazer viver na filosofia, e o mais importante: enriqueceu demais a vida universitária. Era um *Grupo* cheio de alegria, cheio de comemorações e "bebemorações", como costumávamos dizer à época, tudo terminando no *Barusp*, no *Rei das Batidas* ou na *Casa do Norte*, a depender da fome e da sede, ou da vontade de dançar, e tudo avançava pela madrugada adentro. Nossas vidas se entrelaçaram de tal maneira que sentia mesmo que toda essa amizade dava um outro sentido, para mim ao menos, quando eu pensava na reunião dessas duas palavrinhas, *philia* e *sophia*... Eu tinha certeza de que, entrelaçando-as assim, em nossas vidas, o *Grupo* teria algo tão potente quanto a sua duração, no sentido espinosano da palavra, abrindo um outro tempo para construção de novas pesquisas de gerações vindouras.

Penso, sinceramente, que essa era uma preocupação comum: receber os novos, abrir para outras temporalidades futuras... por isso também o *Grupo*, em decisão coletiva, deliberou por entrar em uma nova linha de fomento à pesquisa criada pela Fapesp: os projetos temáticos. Lembro-me de que foi uma decisão difícil. Eu, para variar, trazendo meus receios... lembro-me de questionar se isso não desvirtuaria o *Grupo*, que deixaria de ser um "de estudos" e correria o risco de se tornar um grupo de "de trabalho", com divisão de tarefas, hierarquias, tudo o que era contrário à sua fundação. Mas a preocupação com as novas gerações, a possibilidade de ampliar e receber mais pesquisadores de outros países, de outros estados, de produzir eventos

e multiplicar ainda mais a riqueza das interlocuções falou mais alto e, em conjunto, houve a redação do primeiro Projeto Temático que enfrentou o desafio de alinhar tantas pesquisas diferentes, tantas perspectivas que já acolhíamos em sua diversidade. Foi aí que a Marilena, recolhendo os resumos de cada um de nós, incluindo não somente o que já estávamos pesquisando, mas também para onde cada um gostaria de seguir, mesmo que fossem outros rumos, veio com a brilhante ideia que contemplava toda aquela diversidade: *Experiência e razão no pensamento moderno*. Cada um de nós se reconhecia no tema proposto, e fazia todo o sentido o trabalho de redigi-lo coletivamente. Um desafio imenso que, ao final, deu super certo. Salvo engano, foi um dos primeiros Projetos Temáticos aprovados pela Fapesp no campo da Filosofia, pois essa linha de pesquisa havia sido pensada no modelo das "ciências duras", e com muita dificuldade imaginávamos como aquele modelo poderia funcionar para as Humanidades. Hoje, talvez isso pareça até uma bobagem, mas foi um desafio e tanto, mais uma dentre tantas "ousadias" do *Grupo*.

FERNANDO DIAS ANDRADE: O *Grupo de Estudos Espinosanos* foi criado, em fevereiro de 1995, como desdobramento da fundação dos *Cadernos Espinosanos*. Sou do grupo fundador. Na conversa que se seguiu [reunião de Marilena Chaui com os alunos que tiraram 10 como nota final na disciplina de Moderna I a respeito da criação de um grupo de trabalho no Departamento de Filosofia da USP, voltado à Filosofia do século XVII] entre nós alunos depois que a professora saiu para seus outros compromissos, surgiu pela primeira vez, entre nós ali presentes, a intenção de, para além de colaborarmos para a viabilização do projeto daquela revista, formarmos um grupo regular de estudos do século XVII. Assim, o que ocorreu naquela tarde foi: a criação, sob iniciativa de Marilena Chaui, dos *Cadernos Espinosanos;* e a intenção, coletiva por parte de nós alunos, de fundar-se um grupo de estudos sobre o século XVII.

Quanto ao *Grupo*, a discussão acerca de seus fins, sua denominação etc., passou a ser concentrada pelos alunos de graduação que circulavam

diariamente ali no Departamento de Filosofia (o que não era o meu caso, pois que em 1995 eu era atendente judiciário no Tribunal Regional do Trabalho). Seja como for, num certo momento (este, não presenciado por mim) um subgrupo dentro daquele grupo de convidados para o que seria o primeiro número dos *Cadernos Espinosanos* decidiu pela criação de um núcleo dedicado principalmente à filosofia de Espinosa. Uma vez informada daquela iniciativa, a professora Marilena pediu para atuar como sua coordenadora (ou seja: o *Grupo* não foi inaugurado por ela, mas por seus alunos; ela, que obviamente seria convidada para coordená-lo, antecipou-se e já pediu para sê-lo). Estava formado o *Centro de Estudos Espinosanos* – sim, com este nome, pois havia já a intenção de ocupar um espaço, físico inclusive, no Departamento para o abrigo de suas atividades. Por motivos administrativos, o diretor da FFLCH-USP à época (João Baptista Borges Pereira) desautorizou o uso do termo "Centro", o que, apesar de incitar certo protesto de nossa parte, foi um mal que veio para bem: sem podermos utilizar a denominação "Centro", decidimos todos adotar a denominação '*Grupo*', e com isto nasceu o nome do *Grupo de Estudos Espinosanos da USP* – o qual já seria divulgado no primeiro número dos *Cadernos Espinosanos*.

Já a partir de sua fundação, o *Grupo* iniciou reuniões semanais (sempre às terças-feiras, tradição mantida até hoje), sempre sob a coordenação ativa da professora Marilena, para tratar da filosofia do século XVII. A maioria dos integrantes era formada por alunos de graduação, mas havia alguns já na pós, assim como vez por outra contávamos com a visita de outros professores (especialmente Maria das Graças de Souza) ou de gente de fora da USP. Porém, o *Grupo* funcionava como um espaço para, além das aulas, experimentarmos a discussão mais detalhada de temas, autores e obras não alcançadas pelo conteúdo da graduação.

Em primeiro lugar, seguíamos a acompanhar os cursos da própria Marilena. Naquele mesmo segundo semestre de 1995, ela ofereceu um curso na pós-graduação (que acompanhamos como ouvintes) sobre nada menos que o *Tratado Teológico-Político* de Espinosa. Ou seja: naquele ano, eu fora

apresentado ao pensamento político de Espinosa (para mim, também um pensamento político-jurídico) pela melhor fonte que poderia haver neste país. No primeiro semestre de 1996 a professora Marilena ministrou curso sobre a técnica e no segundo semestre retomou Espinosa para um curso sobre as partes IV e V da *Ética* de Espinosa; voltou à parte I da *Ética* no primeiro semestre de 1997 e, no segundo semestre, tratou da verdade no século XVII. Ao lado de acompanharmos aqueles cursos (às vezes como matriculados, às vezes como ouvintes – quando eram ministrados em disciplinas que já cursáramos anos antes), os trabalhos do *Grupo* se desenvolviam em paralelo em suas reuniões semanais, desde o início com o semestre dedicado à análise e discussão de algum texto clássico em específico, ou de vários textos sobre algum tema nuclear. Note-se que, então, o século XVII ocupava todas as reuniões do *Grupo*: não havia, naqueles primeiros anos, a intromissão de temas "contemporâneos", ainda que soubéssemos que o que é dito pelo século XVII sempre tem algo a ensinar à discussão de qualquer tema contemporâneo.

CRISTIANO NOVAES DE REZENDE: Vou responder a todas as questões em primeira pessoa e de forma autobiográfica. Peço, pois, paciência e compreensão dos editores e das editoras, dos leitores e das leitoras. Para falar sobre o contexto de formação e fundação do *Grupo de Estudos Espinosanos* e sobre como eram as reuniões de trabalho em sua fase inicial, eu preciso falar sobre como entrei no *Grupo* e de onde eu vinha. Porque só isso poderá explicar a perspectiva desde a qual eu vivi essa fase inicial. Eu não fiz minha graduação na USP. E, quando cheguei lá, no início do segundo semestre de 1995, o *Grupo* tinha começado a se organizar há pouquíssimo tempo, mas já tinha em seu núcleo a Éricka e o Homero. Eu vinha da Unicamp, onde me graduara no final do primeiro semestre daquele ano. Por um acidente burocrático, de resultado feliz, eu havia demorado um semestre a mais do que pretendia para me formar. Vou retornar a este feliz acidente logo mais. Mas, como de costume – e para que vocês tenham a certeza de que quem escreve aqui sou eu mesmo – vou dar uns cinquenta passos atrás para fornecer a esse começo

seus devidos antecedentes. Vocês sabem: começos são coisas safadas, porque sempre fingem que não há nada antes deles. Então, retrocedamos bastante.

Eu entrei na graduação em filosofia na Unicamp em 1990. Em 1989, eu havia prestado vestibular para a Unicamp e para a USP e havia entrado nas duas. Sempre em filosofia: eu estava muito decidido. Queria fazer filosofia e depois uma formação em psicanálise (o que nunca fiz). Mas eu acabei decidindo ficar na Unicamp. Houve algumas razões para isso, embora eu sempre tenha querido ir para São Paulo. Acho importante recuperá-las aqui, a fim de explicar com que anseios e expectativas eu fui para o *Grupo de Estudos Espinosanos* na USP, quando fui fazer o mestrado.

Eu morava ao lado da Unicamp desde 1975, quando meus pais puderam retornar do Canadá, depois que meu pai – perseguido pela Ditadura Militar – foi absolvido da kafkiana acusação de "subversão", junto com outros frades dominicanos e ex-dominicanos como ele. Ele e minha mãe haviam sido contratados pela Unicamp: ele para a Faculdade de Educação e ela para a Faculdade de Medicina. Oswaldo Porchat, recém-emigrado da filosofia da USP, e Rogério Cerqueira Leite, da física da Unicamp, foram os intermediadores, junto ao reitor Zeferino Vaz, para a vinda dos meus pais do Canadá para Campinas. Aliás, juntamente com esses dois professores e outros mais, meu pai, Antônio Muniz de Rezende, foi um dos membros fundadores do CLE (Centro de Lógica e Epistemologia) nessa Universidade. Ele era teólogo, filósofo e depois tornou-se psicanalista. Minha mãe, Sônia Novaes de Rezende, é psicóloga e psicanalista – na época, fazendo formação na SBPSP – e foi uma das pioneiras no uso da abordagem psicanalítica na formação dos profissionais da área da saúde na Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. Então, desde que eu cheguei ao Brasil, com três anos, vivi dentro da Unicamp, nesse ambiente atravessado pela cultura universitária, tendo por melhores amigos outros filhos de professores, da física, da matemática, da economia, da engenharia, etc. E tudo isso foi muito importante para minha ida (ou nunca saída, já que eu estava imerso nesse ambiente desde o berço) para a filosofia.

Mas, para ser sincero, depois de quase 15 anos, eu estava saturado de Campinas e até mesmo da Unicamp, que era como meu quintal. Queria um ambiente diferente e, digamos, mais cosmopolita, como eu julgava ser o da cidade de São Paulo, por contraste com certo provincianismo da sociedade campineira, que se mantinha muito desarticulada da Unicamp, a qual, por sua vez, era uma ilha de cosmopolitismo cercada, porém, por canaviais e resquícios de fazendas dos barões do café por quase todos os lados. Só que, em 1988, a Unicamp abrira a graduação em filosofia, que carregava as marcas diretivas da compreensão do Fausto Castilho acerca da natureza da formação universitária em geral e da formação filosófica em especial. Era uma compreensão de filosofia diferente daquela que vigorava no CLE: menos anglófona, menos "analítica" e mais europeia, histórica, filológica e "metafísica". E a graduação na Unicamp tinha o grego ou o latim como línguas obrigatórias na grade curricular. Em 1989, no então chamado 3º Colegial, eu namorava uma moça que já fazia a graduação em filosofia por lá. Eu comecei a assistir às aulas antes de entrar na Universidade: matava aula na escola e ia assistir aulas na Universidade com minha namorada. Resultado: me apaixonei – também – pelo curso.

Curiosamente, assim como alguns estudantes uspianos achavam à época que aquela pegada mais "analítica" era coisa da Unicamp, nós, na Unicamp, achávamos, ao contrário, que esse estilo analítico era da USP; porque, afinal, os professores do CLE tinham vindo de lá: o Porchat, em sua fase analítica, o Luiz Henrique e outros pesquisadores da USP, ou pessoas ligadas ao CEBRAP e ao Gianotti. Então eu preferi aquilo que eu achava que era mais próprio da Unicamp: história, filologia, metafísica, mas sem deixar de ter contato com o pessoal do CLE. Infelizmente, em minha graduação, não cheguei a ter aulas com o Porchat, que havia retornado à USP, nem com o Luiz Henrique, mas fui aluno, por exemplo, dos professores Elias Humberto Alves, Michael Wrigley, José Alexandre Guerzoni, Zeljko Loparic, José Oscar de Almeida Marques, Silvio Chibeni, entre outros ligados ao CLE. E, de fato, ao longo da graduação, eu me interessei um pouco por lógica e filosofia da ciência. Entretanto, eu já estava muito mais envolvido com as letras clássicas, especialmente com o grego, e pretendia me aprofundar

em Filosofia Antiga. Apesar desse interesse por Antiga, que compartilhava com meu colega de turma e amigo Lucas Angioni desde as aulas do professor José Cavalcante no primeiro semestre, eu fui, no decorrer da graduação, me interessando mais e mais por Moderna. Aprendia muito nas aulas do próprio Fausto Castilho, assim como nas do Luiz Monzani, do Marcos Müller, do Oswaldo Giacoia, do Carlos Alberto Ribeiro de Moura (que deu alguns cursos sobre Leibniz na Unicamp) e do Roberto Romano. Aliás, foi com o Romano que comecei a estudar Espinosa e achava que faria meu mestrado com ele. Lá no início da graduação, eu queria estudar Parmênides e Platão ou os desdobramentos da questão do Um e do Muitos na *Metafísica* de Aristóteles. Mas, pouco a pouco, fui ficando totalmente fascinado por Descartes, pela questão da subjetividade epistêmica moderna e pela estrutura ontológica do *Cogito*. Quando achei Espinosa, com o Romano, encadeei o último semestre do grego básico com o início do estudo do latim e apostei que, com Espinosa, conseguiria integrar esses dois mundos: o Um e o Muitos e a superação da concepção cartesiana da representação pela teoria espinosana das ideias, fundada na tese da unicidade substancial, mantendo também as exigências da análise lógica vinda do CLE. A bem dizer, é o que eu faço até hoje.

Fiz a graduação em 5 anos... e meio. Pretendia fazer em 5 anos, mas, no último semestre mudei da habilitação em licenciatura para a habilitação no bacharelado, achando ingenuamente que, com isso, restariam apenas as matérias de bacharelado já cumpridas. Só que não, claro. Ao fazer a mudança de habilitação, surgiu a necessidade de cumprimento de créditos de uma disciplina a mais para bacharelado, que eu cursei com a Profa. Fátima Évora. Esse feliz acidente foi absolutamente essencial para o resto da minha vida. Nesse semestre adicional inesperado, eu fiz o curso sobre Galileu com a Fátima, que era formada em física na graduação na USP, em São Carlos, tinha feito o mestrado em filosofia na Unicamp (orientada por Harvey Brown, Balthazar Barbosa Filho e Michel Ghins) e fazia doutorado na USP com Pablo Mariconda. E as aulas dela eram totalmente diferentes das dos outros professores de lá que eu tinha conhecido até então. Foi aí que eu achei um equilíbrio entre aquela pegada da lógica, que me agradava, muito

forte, muito atual, e aquela outra pegada mais histórica, filológica e metafísica. Ela falava de Galileu, mas *sempre* pensando na recepção da física e da lógica de Aristóteles pela modernidade. Ah, em termos de síntese entre as matrizes constitutivas de minha graduação, aquilo era tudo que eu queria! Fiz um trabalho sobre Galileu e Espinosa e tirei 10. Cogitei fazer o mestrado não com o Romano, mas sim com a Fátima. Só que eu queria pesquisar sobre Espinosa. Ela era muito amiga do Bento Prado Neto desde os tempos de São Carlos, onde havia se aproximado muito do Bento Prado Jr. E lá pelos meados dos anos 90, ela estava também muito próxima da Marilena, creio que justamente através de seu contato com o Bentão. Então a Fátima me perguntou: "já que você quer Espinosa, por que você não faz o mestrado com a Marilena na USP, que é uma das pessoas que mais entendem de Espinosa no Brasil?".

No final do primeiro semestre de 1995, depois de terminada a disciplina dela, a Fátima já tinha me inscrito – à revelia – juntamente com meu colega, Márcio Custódio Damin (hoje recém-falecido, depois de atuar por muitos anos como professor de Filosofia Medieval na Unicamp), no colóquio *Realismo e Ceticismo na Ciência*, em homenagem ao Porchat, que ocorreria em Águas de Lindóia no final do ano. E ela também me pediu para juntar tudo que eu já havia escrito sobre Espinosa para o Roberto Romano, adicionou o trabalho que eu havia feito para ela sobre Espinosa e Galileu, fez um kit e entregou para a Marilena. A Marilena leu e – para minha surpresa – pediu para conversar comigo. Ou seja, eu só fui me aproximar da USP pelas mãos da Fafá, cinco anos e meio depois de haver começado a graduação. Bem, fui – cheio de receios – até a USP e lá conversei com a Marilena por 4 horas na sala dela. Ela gostou muito do meu projeto – exposto oralmente – sobre o conceito de essência objetiva no *Tratado da Emenda do Intelecto* de Espinosa e me passou, num papelzinho, uma lista de livros que eu deveria estudar (guardo esse papel até hoje, mesmo depois de haver lido e relido a bibliografia nele contida). Naquela altura do ano, o processo de seleção para o mestrado na USP já havia começado e eu não poderia entrar porque o prazo das inscrições tinha passado: eu teria que esperar um ano até o meio de 1996. Então, ela me pediu para assistir ao curso dela sobre o

Tratado Teológico-político que iniciaria dentro de uns poucos dias, naquele mesmo 2º. semestre de 1995 e pediu que, ao longo dos dois semestres até o próximo processo seletivo para o mestrado, eu preparasse o texto final de meu projeto. Além disso, ela também me sugeriu que participasse de um grupo de estudos que os alunos dela haviam recém-montado.

Eu não conhecia quase nenhum estudante da USP. Na verdade, eu já conhecia o Paulinho (Vieira Neto), de uma rápida ida anterior, em 1994, à Universidade de São Paulo, quando o Marcos Nobre – com quem eu havia estudado Hegel e Marx na Unicamp – quase me levou para o grupo de filosofia alemã da USP. Encontrei o Paulinho no meio do caminho, estudando numas cabines individuais que ficavam perto da Biblioteca, que ficava no prédio da Filosofia e das Ciências Sociais e que não existe mais. O Nobre me apresentou a ele, que também tinha sido do CEBRAP (Paulinho havia feito um mestrado sobre Kant com o Gianotti). Eu e Paulinho começamos a conversar sobre Espinosa enquanto o Marcos Nobre se dirigiu para a sala de reunião e, por causa de meu envolvimento com o assunto e de minha distração com a passagem do tempo, perdi gravemente a hora e, com vergonha, nunca cheguei à reunião do grupo de filosofia alemã. Acho que o Nobre – de quem sempre gostei muito – nunca me perdoou por isso... mas essa é uma outra história. Basta dizer aqui que o – sedutor – Paulinho era o primeiro orientando de doutorado da Marilena sobre Espinosa. E essa conversa com ele, lá em 1994, foi determinante para a consolidação de minha decisão de pesquisar Espinosa quando terminasse a graduação. Assim, depois, no meio do ano de 1996, quando eu entrei oficialmente no mestrado da USP, eu me tornei o primeiro orientando de mestrado da Marilena sobre Espinosa. Não só por causa da Fafá mas também porque houve um Paulinho no meio do caminho, no meio do caminho houve um Paulinho. Bem, o fato é que, no início da primeira aula do curso da Marilena sobre o *Tratado Teológico-político*, em 1995-2, a Marilena me recebeu e logo disse: "olha, são aqueles estudantes que têm um grupo de estudos sobre Espinosa. Converse com eles". E lá fui, ao fundo da sala, me encontrar com a Éricka e o Homero. Fui bem recebido, pela animada Éricka e por um – ainda – desconfiado Homero.

Depois da aula, eu precisava ir para a casa em que dormiria em São Paulo. Mas não conhecia as linhas de ônibus da cidade. A Éricka, muito gentilmente, se dispôs a me acompanhar até certa altura do trajeto. E, no ônibus, em meio a chacoalhões, barulhos e freadas, eu a torturava com minhas verborrágicas exposições sobre Espinosa, Galileu, o Um, os Muitos e os muitos outros. Torturava coisa nenhuma! A moça parecia era estar gostando daquilo e achando muito engraçado que eu quisesse falar daquelas coisas a despeito da situação totalmente inapropriada dentro do transporte coletivo (onde outros passageiros nos olhavam com um estranhamento entre a curiosidade, a incredulidade e o incômodo). A "japonesa" ria, respondia, perguntava, dava palpites... foi lindo. Ao final, me perguntou: "olha, fazemos o grupo de estudos de um jeito bem informal, na escola da minha família, aos sábados à tarde; você não quer participar?". É claro que ela não precisou perguntar duas vezes. Aliás, de certa forma, esse inusitado diálogo no *coletivo* continua chacoalhando até hoje, porque a Éricka tornou-se de tal forma uma amiga e uma parceira de trabalho intelectual que simplesmente não é possível, desde aquele dia, contar minha trajetória profissional e pessoal sem que se mencione o nome dela.

Sábado (dia de encontro do grupo de estudos – salvo meu engano – ainda sem nome), voltei a São Paulo. Eu ainda morava em Campinas, com meus pais. Era bem trabalhoso ir duas vezes na semana para Sampa: uma para a aula da Marilena e outra para o grupo de estudos. E a escola da família da Éricka ficava longe da entrada de São Paulo para quem vem de Campinas. Mas eu não queria nem saber. Chegando lá pela primeira vez, encontrei a Éricka, o Homero e vários estudantes que já se conheciam (não me lembro dos nomes da maioria deles, que depois "perderam-se na vida em busca de aventuras"). Eles estavam lendo o *Tratado da Emenda do Intelecto*. Era um texto que eu já havia trabalhado bastante com o Roberto Romano e que também havia usado para meu trabalho sobre Espinosa e Galileu (no ponto sobre os instrumentos intelectuais de Espinosa e os instrumentos científicos de Galileu). Lembro-me de havermos conversado, nessa primeira ocasião, sobre a diferença de interpretação e de tradução do Lívio Teixeira e do Carlos Lopes Matos (tradutor do *Tratado da Emenda*

do Intelecto na coleção *Os Pensadores)* da frase do parágrafo 18 do *Tratado da Emenda do Intelecto*: "*ordo, quem naturaliter habemus*": ordem natural, ordem da natureza, ordem que naturalmente temos? Mas, gente, o jeito deles de ler o texto era bem diferente do meu. Depois eu até vim a publicar um artigo sobre esse ponto nos *Cadernos*, tal a pregnância daquela reunião e das diferenças no jeito de ler (embora todos tivéssemos sido formados sob a égide de uma *inspiração* estruturalista francesa). Mas eu havia me formado tendo de atender *também* a toda uma exigência de análise lógica e epistemológica, sob a influência dos professores do grupo do CLE. E acho que a suposição dos uspianos de que a filosofia da Unicamp era integralmente determinada pelo CLE fez com que aqueles colegas da USP talvez tenham me situado mais ou menos assim: "o moço é da Unicamp, então, tá explicado que tenha essa pegada lógica". Só que, ao longo da discussão, apareceram também minhas abordagens filológicas e históricas e eu, assim, acho que acabei me afigurando como um falante ornitorrinco: difícil de classificar. Mas, ao fim e ao cabo, esse ornitorrinco foi muito bem recebido.

O fato de o *Grupo* ser formado só por estudantes de graduação (pois eu ainda não estava no mestrado e acho que o Paulinho já lecionava em Curitiba) e de se organizar – nesse período – fora do espaço físico da USP, deixava tudo sujeito quase que exclusivamente ao real interesse das pessoas por Espinosa, sem a diagramação prévia das divisões institucionais e políticas internas ao departamento da USP. Havia grande liberdade para apresentarmos nossas próprias interpretações do pensamento espinosano e, por vezes, darmos saltos gigantescos entre a análise rente ao texto (comum à USP e à Unicamp) e temas e problemas de outros âmbitos, desde a situação política do país, do estado de São Paulo e das universidades até nossas vidas pessoais. Havia uma informalidade que não diminuía, mas, antes, enriquecia o rigor. *Rigor vitae*, nunca *rigor mortis*! Por vezes, líamos pouco e conversávamos muito, mas sem propriamente fugir do texto, que funcionava como um centro de gravitação para todos os assuntos. Eu entendia que isso era pensar *com* o texto e não apenas pensar *sobre* o texto. Não me recordo quanto do *Tratado da Emenda do Intelecto* a gente cobriu. Creio que foi

muito pouco. Mas, para mim, o ganho daquela experiência foi enorme. E assim avançamos pelo segundo semestre de 1995.

Já no final desse semestre, aconteceu o colóquio em homenagem ao Porchat em Águas de Lindóia (*IX Colóquio de História da Ciência do CLE - Ceticismo e Realismo na Ciência*, 26–30/11/1995), aquele em que a Fátima havia me inscrito à revelia. Eu e o Márcio (que dividíamos o quarto num decadente hotel da cidade termal) estávamos morrendo de medo. Seria nossa primeira fala em público. Naquela época, não havia – como há hoje, principalmente depois da implantação sistemática de programas de Iniciação Científica nas universidades públicas – qualquer preparação na graduação para participações em eventos acadêmicos. Nós, pelo menos, não a havíamos recebido na Unicamp. Existia uma lei tácita vigorando e que – com algum exagero de nossa percepção juvenil – dizia mais ou menos assim: "só abrirás a boca para falar algo que não seja uma pergunta depois de obteres teu doutorado". Sentíamo-nos como verdadeiros impostores. E os colegas do grupo de estudos estavam lá, o que aumentava minha tensão. Não iriam falar, mas tinham se deslocado até o interior paulista e pago pousadas só para assistir. Eu fui custeado pela própria organização do colóquio. Apesar de ter ficado um pouco mais tenso com a presença dos colegas que eu começara a conhecer havia poucos meses, predominou minha alegria de ver que aquela galera era ponta-firme mesmo. Estavam lá por empenho próprio! Era um grupo de pessoas que amavam de verdade assistir, conversar, estudar... viver a filosofia! Gente que se esforçava para acompanhar os eventos na área e para se formar através da prática de viajar e conviver. Ao mesmo tempo, entre os professores, estava se consolidando a Associação Nacional de Estudos do Século XVII. Quer dizer: o alto clero e o baixo clero tinham práticas semelhantes, que nos davam tanto uma confirmação quanto um *norte*. A personalidade generosa e agregadora da Fátima e a rica pluralidade de perspectivas dos Colóquios de História e Filosofia da Ciência que ela organizou através do CLE – inúmeros: antes e depois deste – foram fatores absolutamente cruciais para a formação e o desenvolvimento da Associação Nacional de Estudos do Século XVII. Aliás, foi nesse colóquio de 1995 que se deu meu primeiro contato com o pessoal do Rio de Janeiro: Lia Levy,

Marcos Gleizer, Ulysses Pinheiro e Ethel Rocha. Olha, eu os achei muito aguerridos e com um estilo um tanto diferente do nosso – formados na Unicamp e na USP – na maneira de pensar, de expor e de interpelar. Acho que, por contraste, ficou mais claro para meus colegas da USP o quão próximo eu era deles em termos de formação e de estilo, a despeito das outras diferenças. Eu (recém-bacharel) fiz minha apresentação na manhã do último dia do colóquio, ao lado do Paulinho e do Bento Prado Neto (dois doutorandos!!), para uma assustadora plateia com boa parte dos professores de moderna, de filosofia da ciência e de lógica da USP e muitos professores do Rio e de outros Estados ligados ao Porchat. Estourei o tempo... li o texto todo quase sem tirar os olhos do papel (cheio de mudanças de última hora feitas com caneta vermelha, na noite anterior, no banheiro do quarto que eu dividia com o Márcio, que dormia mais tranquilo porque já havia apresentado, e porque era mesmo mais tranquilo do que eu). Mas, olhando retrospectivamente, tenho que reconhecer que o clima geral era, na verdade, de acolhimento e integração. Eu é que era apenas um jovem inexperiente em colóquios acadêmicos. No final, deu tudo certo. Minha apresentação sobre "O Estatuto Epistemológico das Hipóteses Científicas em Espinosa" foi bem recebida por gregos e troianos, espinosanos e spinozistas. Bentão, Porchat, Lia e Gleizer vieram falar comigo depois. Vejo esse colóquio como o momento em que se configurou minha inserção própria na comunidade uspiana, no *Grupo de Estudos Espinosanos* e na área dos estudos do século XVII no Brasil.

LUÍS CÉSAR OLIVA: Quando eu cheguei, o *Grupo* já estava estabelecido aproximadamente nos moldes em que funciona hoje. A única coisa que vi começar foi o horário de terça à tarde, pois nos primeiros semestres de que participei não havia um dia predeterminado, adaptando-se o Grupo à comodidade da maioria. Num certo momento, chegamos à conclusão de que, definido um dia fixo, aos poucos todos adaptariam suas agendas, e assim vem sendo por quase trinta anos.

Entretanto, mesmo sem ser membro fundador, acho que vale a pena relatar como cheguei ao *Grupo* e o encontrei. Eu entrei na graduação da USP em 1990, apenas três anos antes dos "fundadores" (Homero, Éricka, Marta Vitória..., Fernando Andrade um pouco depois), porém esta pequena diferença temporal implicou uma diferença expressiva em relação a esses colegas, já que me formei justamente no período em que Marilena estava na Secretaria da Cultura de São Paulo. A presença cultural e política dela no período era enorme, não só como sinônimo de filosofia para o público geral, mas como figura chave da primeira administração petista de expressão nacional. De qualquer modo, ela não deu aula para mim e meus contemporâneos de graduação, o que fez uma baita diferença. Não só pela ausência dela, mas, por consequência, pela ausência de Espinosa. Os outros professores da casa, inclusive aqueles que foram mais significativos na minha formação, Maria das Graças de Souza (minha orientadora de iniciação científica) e Franklin Leopoldo e Silva (meu orientador de mestrado e doutorado), mencionavam Espinosa com muitos dedos e remetiam as perguntas sobre ele para quando Marilena (Godot?) voltasse à sala de aula, se voltasse.

Isso não significava a ausência do século XVII na nossa formação. Ao contrário, foi o que minha geração mais teve, com vários dos mais carismáticos professores do Departamento de Filosofia fazendo suas pesquisas e/ou dando cursos sobre autores seiscentistas: Maria das Graças (Bacon, Descartes), Franklin (Descartes, Berkeley, Leibniz, Pascal), Pablo Mariconda (Galileu), Scarlett Marton (Descartes, Pascal), Renato Janine Ribeiro (Hobbes), Luiz Henrique Lopes dos Santos e Carlos Alberto Ribeiro de Moura (Leibniz), entre outros. Não havia, porém, um polo de convergência desses estudos no Departamento, embora (vim a saber depois) estivesse se formando na mesma época a Associação Nacional de Estudos do Século XVII, que durante alguns anos viria a ter esse papel de convergência em nível nacional. Foi nesse contexto que acabei me interessando por Pascal, sobre o qual fiz toda a minha pesquisa inicial.

Quando Marilena voltou a dar aulas, eu já estava fazendo meus últimos créditos da graduação e segui para o mestrado sem conhecê-la, sem conhecer

Espinosa e, devo dizer, trabalhando de maneira bastante isolada. Foi apenas algum tempo depois, na minha última disciplina de mestrado (creio que em 1995, pois defendi o mestrado em 1996) que fui ter aula com Marilena em um curso sobre o *Tratado Teológico-político*, em uma sala entupida de alunos, alguns dos quais seriam os meus futuros colegas do *Grupo*. Fiquei muito impressionado com a erudição e profundidade do curso, mas a tentativa de ler paralelamente a *Ética* foi tão frustrante (talvez por eu estar mergulhado na transcendência pascaliana) que imaginei que Espinosa nunca poderia ser mais do que uma nota de rodapé na minha vida acadêmica. Somente um ano depois, na qualificação e na defesa de mestrado, tive contato mais direto com Marilena que, até para minha surpresa, convidou-me para dar um seminário sobre o infinito em Pascal durante um curso que ela daria sobre a *Ética* I. Neste curso, a segunda parte da aula era dedicada a seminários de alunos regulares e de convidados (além de mim, sobre Pascal, lembro-me de Yara Frateschi, sobre Hobbes, e, acho, Eneias Forlin, sobre Descartes). De início eu não sabia, mas aqueles seminários faziam parte da programação do ainda recente *Grupo* de Estudos Espinosanos, a qual se complementava com seminários sobre a noção de atributo em Espinosa, com base em artigos das mais variadas proveniências obtidos por Marilena em suas viagens mundo afora.

Esse início de participação do *Grupo* foi fascinante. Não só por poder presenciar as intervenções de Marilena, com sua rara mescla de didatismo e erudição, mas sobretudo pelo alto nível das discussões dos outros membros. Eu já tinha concluído o mestrado, enquanto todos os outros estavam terminando a graduação (exceto por Cristiano Rezende, que estava começando o mestrado), mas eu é que me sentia um calouro no meio de veteranos, tal a desenvoltura que esses jovens estudantes apresentavam na discussão de um tema tão árido. Lembro-me particularmente de um dia em que os jovens Homero Santiago e Tessa Lacerda discutiam com enorme facilidade e precisão vocabular um artigo de Jean Bernhardt a respeito da infinitude dos atributos, artigo que eu tinha decifrado a duras penas (e desconfio que não entendi bem até hoje). Eu só pensava: espero que um dia eu chegue lá! Apesar de um pouco intimidado, decidi ficar e aprender ao máximo com eles, contribuindo modestamente com algumas pitadas pascalianas.

Se o *Grupo* já era extraordinário, penso que minha chegada trouxe o benefício de abrir o interesse dos espinosanos puro-sangue para outras perspectivas a respeito do XVII. O que evidentemente não fiz sozinho: o Leibniz da Tessa (já bem inserida no *Grupo*), o meu Pascal, as referências germânicas do José Eduardo Baioni, que chegou pouco depois, entre outros, tiraram o foco das questões estritamente espinosanas, tal como tratadas pelos comentadores e pelos pesquisadores do *Grupo*, e nos lançaram para um estudo mais amplo do debate seiscentista. Foi assim que, sem deixar Espinosa de lado, nem as discussões coletivas sobre os projetos individuais de pesquisa, fizemos leituras aprofundadas do *Tratado das Paixões da Alma*, do *Novum Organum*, do *Leviatã*, do *Discurso de Metafísica* etc., leituras que permitiram uma riquíssima troca entre os "invasores" não-espinosanos e os espinosanos puros, aprimorando a formação de todos. Para mim, em particular, essa experiência foi tão crucial que nunca mais parei de combater a especialização excessiva na formação dos alunos, a despeito da pressão das agências. Penso, inclusive, que deste ponto de vista o *Grupo de Estudos Espinosanos* continua sendo um verdadeiro bastião de resistência.

Além disso, naquele momento o *Grupo* passou a ser o pólo de convergência informal de todas as tendências de pesquisa seiscentista que vinham sendo feitas no Departamento pelos professores mencionados, cujos trabalhos discutíamos em conjunto nas reuniões semanais ou nas Jornadas semestrais. Estas últimas, aliás, viraram rapidamente uma tradição do *Grupo*, muito antes da proliferação de eventos que passou a ocorrer na USP nos anos 2010. Então bem mais raros do que hoje, encontros como as Jornadas eram uma oportunidade preciosa para os jovens pesquisadores (alguns deles já professores em outras universidades) trazerem seus resultados para o escrutínio público e, mais ainda, saber o que os outros estavam fazendo em filosofia moderna. Rapidamente, esses eventos ganharam vulto, alternando-se com atividades da Associação Nacional de Estudos do Século XVII, da qual o *Grupo* passou a ser o braço paulista, e posteriormente organizou dois grandes Congressos Internacionais, um em 1999 (*III Colóquio internacional de estudos filosóficos do século XVII: Cartas filosóficas, científicas e literárias: o papel da correspondência*), na histórica Rua Maria Antônia (capitaneado

por José Eduardo Baioni e Luciana Zaterka) e outro em 2003 (*V Congresso internacional da Associação nacional de estudos filosóficos do século XVII: Experiência e razão no século XVII*) na USP (capitaneado por Cristiano Rezende e Moysés Floriano).

Embora já esteja me estendendo em demasia, preciso destacar outros dois aspectos do *Grupo* que me chamaram a atenção à época e se tornaram elementos marcantes das suas atividades. O primeiro são os *Cadernos Espinosanos*, mas deixarei os detalhes para o item dedicado a esse assunto.

Outro aspecto que eu queria destacar a respeito da minha impressão inicial sobre o *Grupo* foi a presença do latim como tema frequente de estudo e discussão. Afora os raros cursos que passaram pela filosofia medieval (o Departamento ficou alguns anos sem professor da área), na minha graduação pouco se falava da importância do latim, particularmente em filosofia moderna, embora, paradoxalmente, fosse a língua filosófica predominante no século XVII. Tendo estudado Pascal, que escreveu quase tudo em francês, deixei de lado esse aspecto em minha formação até o mestrado. Qual não foi minha surpresa ao encontrar um grupo de estudos de filosofia moderna cheio de latinistas, que faziam dessa língua um tópico frequente de discussão, inseparável do debate conceitual. Além dos pendores individuais (notadamente Homero e Cristiano), essa era uma marca das preocupações de Marilena que tinha se transferido aos alunos em geral e modificou sensivelmente os estudos de filosofia seiscentista no Departamento daí por diante. Foi nesse contexto que se constatou a necessidade de retraduzir as principais obras de Espinosa, tanto para sanar os problemas das edições existentes quanto para, nesse processo, complementar a formação dos alunos. Assim, a partir do finalzinho dos anos 90, ainda de maneira irregular, começamos um trabalho de tradução coletiva da *Ética*, o qual ganhou sistematicidade a partir de 2001, passando a ocupar (semanal ou quinzenalmente, a depender do semestre) metade dos encontros do *Grupo*. Um dos participantes traduzia um bloco de proposições e, por algumas semanas, os outros faziam uma revisão coletiva, discutindo os problemas conceituais envolvidos, corrigindo eventuais problemas de língua e uniformizando as decisões de tradução,

o que por vezes nos obrigava a voltar atrás e corrigir opções dos blocos anteriores. Não é surpresa que, conduzido dessa maneira, o trabalho tenha sido longuíssimo e a tradução só concluída mais de dez anos depois e publicada apenas em 2015. A essa altura, uma segunda geração de espinosanos (Marcos Ferreira de Paula, Silvana Ramos, André Rocha...) já tinha se formado nesse processo e muitos da primeira geração já estavam se dedicando a outros projetos de tradução que descendem daquele. Depois da odisseia da *Ética*, a tradução deixou de fazer parte da programação regular do *Grupo*, mas sua marca no processo de formação é indelével.

Todas essas vertentes de trabalho ganharam, em 2002, um forte apoio institucional quando foi aprovado o projeto temático Fapesp *Experiência e Razão no pensamento moderno*, que não só facilitou a obtenção de bolsas para os alunos, mas também criou condições melhores para promover eventos, mandar os participantes para colóquios fora de São Paulo e trazer especialistas estrangeiros para seminários na USP.

TESSA LACERDA: No ano de 1994, Marilena ministrou um curso de História da Filosofia Moderna sobre a *Ética* III de Espinosa que foi um acontecimento. Neste curso se formou um grupo de estudos do qual faziam parte Éricka, Homero, Marta e outros. Eu não fazia parte deste grupo inicialmente, inclusive porque não havia feito a disciplina com Marilena, pois fizera com Franklin Leopoldo e Silva, sobre Leibniz e Berkeley. Mas em 1995, quando ingressamos na Iniciação Científica – e, diferente da proposta inicial de definir o objeto de pesquisa apenas depois de um ano, tivemos que imediatamente tomar essa decisão –, comecei a estudar Leibniz (e Franklin se tornou meu orientador desde então, tendo me acompanhado da Iniciação Científica ao Pós-Doutorado). Então fui convidada a fazer parte desse grupo de pesquisa. As reuniões aconteciam aos sábados de manhã, na escola dos pais de Érica, na Vila Mariana. Eu não era uma frequentadora assídua, só passei a ser quando voltei de um "mochilão" que fiz assim que me formei em 1998. A partir de 1999, então, passei a frequentar todas as reuniões que, agora, aconteciam no Prédio de Filosofia e Ciências Sociais na FFLCH,

ainda aos sábados, e Marilena havia ingressado no grupo. Nesse período, dividíamos a reunião semanal em dois momentos: o estudo de autores do XVII e a tradução da *Ética* de Espinosa, que fez parte das atividades do *Grupo* por vários anos.